

La Comédiathèque

Breves de confinamento

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

Breves de confinamento

Comédia de sketches

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Comédia de sketches inspirada na crise sanitária do coronavírus.

Elenco:

16 personagens

Todas as personagens podem ser interpretadas indistintamente por homens ou mulheres. De 2 a 16 intérpretes (homens e/ou mulheres).

1. Candidato vacinal.....	3
2. Efeitos secundários.....	5
3. Conversa viral.....	8
4. Regresso à vida.....	10
5. Mau gosto.....	12
6. Encontro falhado.....	14
7. Encontro suposto.....	16
8. Confinado para sempre.....	18
9. A vida normal.....	20

1. Candidato vacinal

Uma personagem já está em cena. Entra outra, com um fato que sugere que personifica uma vacina.

Um – Bom dia... Então, é o candidato vacinal?

Dois – Sou eu.

Um – Mas diga-me... Vi o seu currículo: está completamente em branco.

Dois – De facto. Sou novo, por isso não tenho experiência nenhuma.

Um – Estou a ver... E o que é que me pode dizer para me convencer a contratá-lo?

Dois – Tenho 95 % de eficácia.

Um – Pois... Mas isso dizem todos. Porque é que havia de acreditar em si?

Dois – Se quisesse mentir-lhe, diria que sou 100 % eficaz.

Um – Sim, mas 95 % parece mais credível, não? É como nas eleições: nem sequer um ditador consegue 100 % dos votos.

Dois – Nesse caso, podia ter-lhe dito que tinha uma eficácia de 51,64 %. Isso teria sido ainda mais credível.

Um – Mas menos convincente...

Dois – Foi por isso que achei que 95 % estava bem.

Um – Está bem. E quanto aos efeitos secundários?

Dois – Nenhum.

Um – Nenhum? Isso não é nada credível, admita lá...

Dois – Registaram-se um ou dois casos de canibalismo, mas não ficou formalmente estabelecida qualquer relação com a vacina.

Um – Bom...

Dois – Também devo acrescentar que quase não custo nada e posso render o dobro do que custo.

A outra personagem fica a pensar por um instante.

Um – Está bem... Fica à experiência.

Dois – À experiência?

Um – Sim, num ensaio clínico!

Dois – Obrigado pela confiança. Não se vai arrepender, prometo...

Um – Espero bem que não. E daqui a alguns meses, se não houver demasiadas vítimas, será o candidato eleito. Tem mais alguma coisa a acrescentar?

A outra personagem põe-se em sentido.

Dois – Viva a pátria e viva eu!

Um – Bem, também não exagere...

2. Efeitos secundários

Duas personagens, possivelmente um casal.

Um – Achas que fizemos bem?

Dois – Se puder ajudar.

Um – Sim... E além disso, será que tínhamos mesmo outra escolha...?

Dois – Pois.

Um – Afinal de contas, não passa de uma vacina.

Dois – Se servir para fazer avançar a investigação.

Um – Sim... E como não somos médicos...

Dois – Podemos sempre servir de cobaias.

Pausa.

Um – Não percebi muito bem... Que vacina é esta, afinal?

Dois – Não sei... É nova... Ainda é experimental...

Um – Nova, está bem, mas é contra quê?

Dois – Não me parece que nos tenham dito.

Um – Havíamos de nos lembrar, não?

Dois – Sim, de certeza...

Um – Então não nos disseram.

Dois – Não.

Um – De qualquer maneira, mesmo que nos tivessem dito...

Dois – Podiam ter-nos dito uma coisa qualquer.

Um – Pois.

Pausa.

Dois – Antigamente, começavam por fazer testes em animais.

Um – Mas agora que já não há animais...

Dois – Os animais selvagens desapareceram todos.

Um – E a pecuária foi substituída pela cultura celular.

Dois – Por isso agora fazem os testes diretamente em seres humanos.

Pausa.

Um – Achas que vai haver muitos efeitos secundários?

Dois – Não sei.

Pausa.

Um – Já reparaste em alguma coisa?

Dois – Em quê?

Um – Efeitos secundários.

Pausa.

Dois – Esta manhã, quando tomei banho, reparei que as unhas dos pés se tinham transformado em garras.

Um – Em garras? Como as de um gato, queres dizer.

Dois – Mais como as de um lobo.

Um – Ah, sim...

Dois – Também reparei que tenho muito mais pelo nas costas.

Um – A sério?

Dois – E também me estão a crescer os dentes da frente.

Um – Está bem...

Dois – E tu?

Um – Eu reparei que os pés se me tinham transformado em cascos.

Dois – Como os de um cavalo, queres dizer.

Um – Mais como os de uma ovelha. Porque, no meu caso, nas costas é mais lã.

Dois – Deve ser um efeito secundário.

Um – Sim...

Pausa.

Dois – Ou então é o efeito principal.

Um – O efeito principal?

Dois – Um lobo e uma ovelha...

Um – Já percebo onde queres chegar.

Dois – Ah, sim...?

Um – Talvez se trate de repovoar o planeta com animais.

Dois – Se pudermos contribuir para reintroduzir espécies desaparecidas...

Um – Sim.

Dois – Mas então aqui, na nossa sala...

Um – Como é que vai ser a convivência?

Dois – Pois... Um lobo e uma ovelha...

Pausa.

Um – Porque é que fizeram isto?

Dois – Não sei.

Um – O lobo vai comer a ovelha...

Dois – E quando já não houver ovelhas, os lobos vão ter de se comer uns aos outros.

Um – Vai ser o fim da nossa espécie.

Pausa.

Dois – Mas então esta vacina é contra quê, afinal?

Um – Não sei.

Dois – Contra a espécie humana?

Um – Talvez seja uma conspiração.

Dois – Organizada por quem?

Um – Pelos vírus?

Pausa.

Dois – Tínhamos razão em desconfiar das vacinas.

3. Conversa viral

Duas personagens com figurinos que sugerem que personificam vírus. Parecem estar à espera e fingem ignorar-se, até que a primeira decide cumprimentar timidamente a outra.

Um – Bom dia.

Dois – Bom dia.

Um – É novo por aqui?

Dois – Pode dizer-se que sim.

Um – E está como eu, à espera que passe alguém.

Dois – Não deve demorar. É uma rua bastante movimentada. Quer dizer, era...

O primeiro estende-lhe a mão.

Um – Sou o vírus da gripe. E o senhor?

Depois de uma ligeira hesitação, o outro aperta-lhe a mão.

Dois – Covid-19.

Um – Bem me parecia! O famoso Covid-19?

Dois (*fingindo modéstia*) – Oh, famoso...

Um – Vá lá, está a brincar!

Dois – A gripe espanhola matou cem milhões de pessoas.

Um – Mas o senhor deixou mil milhões de pessoas no desemprego! O confinamento, o estado de emergência, a hecatombe nos lares de idosos, o adiamento de uma semana da Black Friday... Foi tudo obra sua!

Dois – É verdade...

Um – Não, a sério, respeito! Garanto-lhe, é o meu ídolo.

Dois – E o senhor, como vai? A época de outono-inverno promete?

Um – Bem, sabe como é... Nós vamos andando.

Dois – Lamento ouvir isso...

Um – E há que reconhecer que nos fez bastante mal... As pessoas já não saem de casa.

Dois – Lamento imenso...

Um – Não peça desculpa. E aproveite enquanto pode. Porque isto não vai durar para sempre, sabe...

Dois – Acha?

Um – Assim que encontrarem uma vacina eficaz...

Dois – Podemos sempre sofrer uma mutação. Veja o seu caso, por exemplo: volta todos os anos. Nem bem o mesmo, nem bem outro...

Um – É verdade. Somos daqueles que nunca passam de moda.

Dois – Ao contrário de todos os que foram pura e simplesmente erradicados, ou quase: a peste, a cólera, o tétano... e tantos outros que se julgavam invencíveis.

Um – Parece que a cólera ainda se vai aguentando bastante bem...

Dois – Sim, mas os seus dias de glória já lá vão. É uma doença de pobres...

Um – Quanto à lepra, essa já não tem salvação.

Dois – Mais uma espécie em vias de extinção. É triste, mas é assim... É a vez dos mais novos!

Um – Dos mais novos... Quer dizer, de si.

Dois – Foi o senhor que disse que isto não vai durar para sempre, por isso mais vale aproveitar.

Um – Olhe, aí vem um... Deixo-lho? Assim mostra-me do que é capaz...

Dois – Até lhe propunha partilhá-lo, mas... olhe. Traz máscara e tem o gel hidroalcoólico na mão, pronto a disparar.

Um – Eu bem lhe digo: atacou com demasiada força. Agora estão de pé atrás.

Dois – E se ficarmos aqui plantados durante uma hora, estamos mortos.

Um – Vou passar pela maternidade.

Dois – Vai ser pai?

Um – Pela maternidade! Os recém-nascidos.

Dois – Ah, claro... Tem razão. A maternidade é que tem futuro. Porque os lares de idosos...

Um – Futuro, esses não têm, de certeza...

4. Regresso à vida

Uma personagem de bata branca cruza-se com outra, vestida da mesma forma e com um dossier na mão.

Um – Tudo bem?

Dois – Mais ou menos...

Um – Tens ar de quem viu um morto.

Dois – Um morto? Antes pelo contrário...

Um – E qual é o contrário de um morto?

Dois – Neste caso, seria antes uma ressurreição.

Um – Viste algum dos teus antigos pacientes sair de uma gaveta da morgue?

Dois – Quase... O paciente do quarto 301 acabou de acordar.

Um – Do quarto 301?

Dois – Um tipo que está aqui há pelo menos dez anos. Não te lembras?

Um – Eu nem sabia que existia um quarto 301. Pensava que este hospital só tinha 300 quartos.

Dois – Foi internado depois de um acidente. E nunca mais saiu do coma.

Um – Está bem... E então?

Dois – Então, acabou de acordar.

Um – Merda...

Dois – Pois, eu sei... Devia ser uma boa notícia, mas...

Um – Pois...

Uma pausa.

Dois – Há dez anos, deixou um mundo em que se podia sair de casa sem ter de dar justificações, ir beber um copo com os amigos a um café, ir ao cinema... ou simplesmente passear pelas ruas. E tudo isso sem máscara.

Um – Pois... O despertar vai ser duro. Quando lhe disseres que hoje em dia já nada disso existe...

Dois – Já não há cafés, nem restaurantes, nem cinemas, nem teatros...

Um – Se calhar é melhor não lhe dizeres nada...

Dois – Mais cedo ou mais tarde, vai acabar por perceber.

Um – Pois...

Dois – Enquanto estiver no hospital, tudo bem...

Um – Mas quando sair para a rua...

Dois – Vai ser um choque.

Um – O que é que ele fazia?

O outro deita um olhar ao dossier e volta a olhar para o colega com ar dramático.

Dois – Era actor...

Um – Merda... E ainda por cima a profissão dele já não existe...

Dois – Se calhar era melhor desligá-lo, não?

Um – Mas tu acabaste de me dizer que ele acordou!

Dois – Ainda está com assistência respiratória...

Uma pausa.

Um – Não sei... Faz o que a tua consciência te disser...

Dois – Sim.

Uma pausa.

Um – Não, mas eu estava a brincar, claro.

Dois – Claro... Eu também...

Os dois parecem não saber muito bem até que ponto estão a brincar ou não.

Um – Vá... Tenho a certeza de que vais tomar a decisão certa.

Dá uma palmada nas costas do colega e afasta-se. O outro fica perplexo.

5. Mau gosto

Uma personagem vestida com cores berrantes que não combinam nada entre si apresenta-se diante de outra, que veste uma bata branca.

Um – Bom dia, doutor.

Dois – Então, o que a traz por cá?

Um – Bem, doutor, perdi o sentido do gosto.

O outro lança um olhar à roupa dela.

Dois – E o olfato também?

Um – Hum, não... Só o sentido do gosto. Mas já é bastante incómodo.

Dois – Imagino...

Um – Com a minha profissão, diria até que é bastante incapacitante.

Dois – Trabalha num restaurante, talvez? Ou é crítica gastronómica?

Um – Nada disso... Sou estilista.

Dois – Está bem... *(Estende-lhe uma caixa.)* Quer um rebuçado?

A outra parece surpreendida.

Um – Porque não?

Pega num rebuçado, mete-o na boca e começa a mastigá-lo.

Dois – Tenho sempre rebuçados na secretária. Para as crianças, percebe? Ajuda a tranquilizá-las...

Um – Claro...

Dois – É de menta.

Um – Sim, já percebi...

Dois – Então sente bem o sabor da menta?

Um – Sim, porquê?

Dois – Como me disse que tinha perdido o sentido do gosto...

Um – Ah, sim... Mas não! Não era isso! Expliquei-me mal... Quando falei em gosto, queria dizer... bom gosto.

Dois – Foi o que me pareceu...

Um – Esta manhã, por exemplo, abri o roupeiro e... veja o que acabei por vestir.

Dois – Estou a ver...

Um – Acha que isto é de bom gosto?

Dois – Não, de facto, não se pode dizer que seja...

Um – Pois, é o que eu estava a dizer: perdi completamente o sentido do gosto.

Dois – É evidente.

Um – E pode receitar-me alguma coisa, doutor?

Dois – Se fosse o sintoma de uma doença infecciosa, talvez, mas neste caso...

Um – Não pode deixar-me assim!

Dois – Ou então pode tratar-se de um vírus novo, ainda desconhecido.

Um – O vírus do mau gosto?

Dois – E... faz ideia de onde poderá ter apanhado isso?

Um – Não sei... Estive em Inglaterra há pouco tempo...

Dois – Bem, vamos começar por pô-la de quarentena durante duas semanas, por precaução.

Um – De quarentena?

Dois – Não podemos deixá-la sair assim!

Um – E porquê?

Dois – Porque pode, sem querer, lançar uma moda! Quer mesmo ver toda a gente na rua vestida assim? E pensar que foi a responsável por semelhante catástrofe?

Um – Não, claro...

Dois – Então, não saia de casa durante umas duas semanas.

Um – Está bem, doutor...

Dois – E depois volte cá. *(Lança um último olhar à roupa da outra.)* Logo vemos se está melhor.

Um – Está bem, doutor. Obrigada, doutor...

A personagem sai. O outro prepara-se também para sair e suspira.

Dois – Realmente, já vi de tudo... Ainda bem que era a minha última consulta... Espero, pelo menos, que isto não seja muito contagioso...

Sai por um instante e regressa sem a bata branca. Traz a mesma roupa de péssimo gosto que a outra.

6. Encontro falhado

Duas personagens. Uma marca um número no telemóvel. O telemóvel da outra começa a tocar; ela tira-o do bolso e atende.

Um – Estou...

Dois – Olá, fala Jean-Paul Ramirez.

Um – Desculpa? Jean-Paul quê?

Dois – Ramirez. Andámos juntos no 12.º ano.

Pausa.

Um – Isto é uma brincadeira?

Dois – Nada disso. Não te lembras de mim?

Um – Não... Jean-Paul Ramirez?

Dois – Encontrei o teu nome e a tua fotografia no Amigos de Antigamente...

Um – Amigos de Antigamente?

Dois – Sim, sabes, aquele site onde...

Um – Sim, sim, eu sei... Amigos de Antigamente... Mas nós não éramos amigos, pois não? Eu nem sequer me lembro do teu nome...

Dois – Não te preocupes, eu também não me lembrava do teu.

Um – Está bem... Então... porque é que me estás a ligar? Quero dizer... se mal nos conhecíamos?

Dois – Não sei... Estou há seis meses confinado no campo. Pensei em aproveitar para voltar a contactar pessoas que tinha perdido de vista...

Um – Pois... Mas para retomar o contacto, era preciso termos tido algum contacto antes, não?

Dois – Andávamos na mesma turma! Mesmo que não fôssemos propriamente amigos, de certeza que falámos uma ou duas vezes.

Um – Hum... De certeza... Jean-Pierre Martinez?

Dois – Jean-Paul Ramirez.

Um – Não, realmente não me diz nada. E continuo sem perceber porque é que me estás a ligar. Se mal nos conhecíamos...

Dois – Nunca se sabe... Se calhar passámos ao lado de alguma coisa.

Um – Alguma coisa?

Dois – Podíamos ter sido amigos.

Um – Hum... Pois...

Dois – Se calhar, naquela altura, não tivemos oportunidade de nos conhecermos melhor e...

Um – Passámos um ano inteiro na mesma turma. Imagino que, se era para sermos amigos, oportunidades tivemos de sobra, não?

Dois – Se calhar não tínhamos nada em comum. Nada para dizer um ao outro.

Um – Sim... Era mais ou menos isso que eu queria dizer.

Dois – Naquela altura, sim. Mas e agora?

Um – Agora?

Dois – O tempo passou... Se calhar agora, se nos voltássemos a ver, percebíamos que afinal temos imensas coisas em comum. Que temos imensas coisas para dizer um ao outro. *Pausa.* Estou...?

Um – Sim... Não, mas... não sei o que te hei de dizer... E... só isso, estás a ver, já não é muito bom sinal...

Dois – Desculpa, não te quero incomodar mais.

Um – Está bem...

Dois – Voltamos a falar?

Um – Está bem...

Dois – Nunca se sabe... Daqui a uns anos, se calhar temos mais afinidades.

Um – Talvez...

Os dois guardam os telemóveis.

7. Encontro suposto

Duas personagens cruzam-se. Ambas usam máscaras cirúrgicas. Depois de um momento de hesitação, a primeira cumprimenta a segunda.

Um – Bom dia!

Dois – Bom dia...

Um – Como está?

Dois – Ah, desculpe, com a máscara não o tinha reconhecido.

Um – Não, não, não faz mal.

Dois – E eu, que já sou um bocado surdo... Quando me falam através de um pedaço de tecido, ainda é pior. Também não tinha reconhecido a sua voz...

Um – Então, como tem passado?

Dois – Bem, obrigado.

Um – Ainda bem, ainda bem... E os negócios, como vão?

Dois – Vão andando...

Um – Bem, a bolsa até nem se tem portado mal ultimamente. Apesar da crise...

Dois – Sim... Enfim, quando se trabalha no ensino, como eu, sabe como é...

Um – E a sua mulher?

Dois – A minha mulher?

Um – Da última vez que a encontrei, estava com uma grande constipação. Como está ela?

Dois – Morreu.

Um – Não... Não pode ser... Então não devia ser só uma constipação...

Dois – Não, não era uma constipação.

Um – Lamento imenso. É terrível, esta doença. Mas quando é que foi?

Dois – Há uns dez anos, mais ou menos...

Um – Estou a ver... Então não morreu de... Enfim, da...

Dois – Morreu de leucemia.

Um – Ah... Então o senhor não é...

Dois – Pelos vistos, não...

Um – Desculpe, com esta máscara... Confundi-o com outra pessoa...

Dois – Mas nós conhecemo-nos ou...?

Um – Para dizer a verdade... Não, acho que não.

Dois – Pois, bem me parecia.

Um – Bem, então... Tenha um bom dia.

Dois – Igualmente... Um bom dia para si também.

Um – Bem, dê cumprimentos à sua senhora... Quer dizer... Os meus sentimentos...

Dois – Obrigado...

Cada um segue o seu caminho.

8. Confinado para sempre

Uma personagem já está em cena. Ouve-se a campainha. Entra outra.

Um – Bom dia!

Dois – Ah, bom dia, senhor carteiro.

Um – Tem correio.

Dois – Sim, calculo que sim. Se não, não se teria dado ao trabalho de entrar para me dizer.

O carteiro entrega-lhe uma carta.

Um – Aqui tem.

Dois – Obrigado... *(Lança um olhar ao envelope.)* Outra participação...

Um – Com este maldito vírus... Ultimamente, é o que mais tenho distribuído... Lamento não lhe trazer boas notícias.

Dois – Depende. Se calhar até é uma boa notícia.

Um – Ah, desculpe, não é uma participação de falecimento?

Dois – É... Mas depende de quem morreu. Uma participação é um bocado como um saco-surpresa. Nunca se sabe o que se vai encontrar lá dentro...

Abre a participação e olha para o cartão.

Um – Então?

Dois – Uma tia-avó do lado do meu pai...

Um – Conhecia-a bem?

Dois – Não a via há vinte anos... Vivia no outro extremo do país... Mas era a única família que me restava.

Um – Então é uma má notícia...

Dois – A boa notícia é que, por causa do confinamento, tenho uma boa desculpa para não ir ao funeral.

Um – Tem razão. Nesta altura, mais vale ver as coisas pelo lado positivo. Vá, havemos de sair disto! Não nos vão manter confinados para sempre.

Dois – Bem, no meu caso... Sair uma hora por dia para ir às compras, recolher obrigatório às nove da noite, nada de sair, nada de amigos... Tenho a sensação de já estar confinado há bastante tempo.

Um – Ah, pois. Visto assim...

Dois – Mas pelo menos, agora que toda a gente também está fechada em casa, sinto-me menos sozinho.

Um – Obrigado... Conseguiu dar cabo da minha moral para o resto do dia.

Dois – De nada. Até à próxima...

9. A vida normal

Duas personagens.

Um – Pergunto-me quando é que vamos poder voltar a ter uma vida normal...

Dois – Uma vida normal? Queres dizer levantar-te às seis da manhã, passar três horas nos transportes para ir fazer um trabalho que não serve para nada, tudo isso para ter dinheiro para comprar nos saldos coisas que também não servem para nada?

Pausa.

Um – Então digamos que... Pergunto-me quando é que vamos poder voltar à vida de antes...

Dois – Em breve. E vais ver como vamos achar isso maravilhoso.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 120 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele Encontro na plataforma
EuroStar Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto No fim da linha
O Joker
O Roupão Os Náufragos do Costa
Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências Um pequeno passo
para uma mulher, um salto no vazio
para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa Crise e
Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Rebeldes
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Albano e Eva
Apocalypse
Aviso de passagem
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Dramédias
Ela e Ele
Entre Bastidores
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem sentido proibido

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seus sites :*

*<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>*

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.

*Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Setembro de 2026

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-421-4

Documento para download gratuito